

GES
PCP

O CAMPONÊS

ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

ESCUTAI

RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Transmite todos os dias em ondas curtas das 8 às 8,30 em 19 metros; das 20 às 22 horas em 25 metros e das 0,20 às 0,50 em 26, 32 e 36 metros. Aos domingos das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

500 OPERÁRIOS AGRÍCOLAS CONQUISTARAM O HORÁRIO DAS 8 HORAS

Nos começos de Março 500 operários agrícolas das Terras da Costa, unidos e organizados, conquistaram as 8 horas de trabalho. As Terras da Costa é uma região que fica entre o Pinhal do Rei e a Costa da Caparica. Uma região de hortijos. Nos últimos anos emigram para esta zona mais de 300 assalariados agrícolas alentejanos. Eles levaram para aí a sua experiência. As condições de trabalho eram de sol a sol.

No dia 3 de Março, à noite, os trabalhadores fizeram uma ampla reunião ao ar livre para discutirem os seus problemas. Nessa noite e no dia seguinte de madrugada (2ª-feira) foram lançados dezenas e dezenas de foguetes e morteiros, avisando os trabalhadores de que ninguém deveria pegar no trabalho senão com o horário das 8 horas.

Na 2ª feira os trabalhadores apresentaram-se nos locais de trabalho exigindo as 8 horas. Vários patrões cederam logo, mas outros resistiram. Ninguém pegou no trabalho, homens e mulheres, dos patrões teimosos. Os trabalhadores ficaram em greve. Durante a semana os patrões mais renitentes foram cedendo. Na semana seguinte já todos davam as 8 horas.

Foram feitas 7 prisões. Os trabalhadores reagiram imediatamente e reclamaram a libertação dos seus companheiros presos. No próprio dia da prisão os 7 presos foram postos em liberdade.

Operários agrícolas das Terras da Costa! «O Camponês» saúda a vossa bela vitória, a vossa unidade e espírito de luta. Continuai unidos e organizados na luta por melhores jornas e condições de trabalho. As reuniões e comissões de trabalhadores são o justo caminho que conduz à luta e à vitória.

Trabalhadores do campo! Nos

locais onde ainda os proprietários se recusam a dar o horário das 8 horas sigamos o exemplo dos nossos companheiros das Terras da Costa. **Que ninguém trabalhe sob a escravatura de sol a sol.** Já que o governo de Salazar se recusa a decretar o horário das 8 horas para os trabalhadores do campo, que eles as conquistem pela sua luta decidida!

«O CAMPONÊS» COMPLETA 21 ANOS

Ao completar 21 nos de publicação «O Camponês» saúda todos os trabalhadores agrícolas do Sul, todos os seus leitores e amigos e deseja-lhes grandes êxitos na luta contra a ditadura fascista, pelo Pão, pela Paz e pela Liberdade.

Foi em Maio de 1947 que, pela 1ª vez, apareceu «O Camponês». E ao falarmos dele, lembremos, aqui, alguns nomes dos fundadores do nosso jornal como, por exemplo, **Pitês Jorge, Francisco Miguel e M. Helena Magro.** Pelas suas justas palavras de ordem, pela interpretação acertada das reivindicações das massas «O Camponês» tornou-se um jornal amado e respeitado. Ele tem sido um companheiro de combate, um organizador e orientador das lutas dos trabalhadores agrícolas do Sul contra o desemprego, por melhores jornas e condições de vida, pela

conquista das 8 horas, pela Democracia e pela Liberdade.

O regime move uma feroz repressão contra «O Camponês», mas, jamais o salazarismo conseguirá destruí-lo definitivamente. Ele vive no coração dos trabalhadores. Nos últimos 3-4 anos o nosso jornal não tem saído regularmente devido à brutal repressão policial que desabou sobre o Sul. Porém, com a ajuda dos trabalhadores, dos leitores e amigos as dificuldades serão vencidas.

Trabalhadores! Amigos! Ajudai «O Camponês» financeiramente. Enviai as vossas críticas, as vossas informações, a vossa colaboração. Sem essa ajuda «O Camponês» não poderá cumprir a sua missão. **LONGA VIDA AO «O CAMPONÊS»!**

UM EXEMPLO DE CORAGEM E DE DEDICAÇÃO À CAUSA DO POVO

Dinis Miranda foi preso pela PIDE em Maio de 1967 próximo de Almada. É a 5ª prisão. Operário agrícola, natural de Montoito — Évora. Desde muito jovem que entregou as suas energias à luta em defesa dos interesses daqueles que trabalham a terra, à luta pela Liberdade e pela Democracia. O inimigo tem-lhe um ódio de morte. Em todas as prisões tem sido selvaticamente torturado. D. Miranda nunca abriu a boca ante os verdugos do povo para fazer declarações. Não teme o inimigo nem os sacrifícios.

Desta vez, D. Miranda, foi submetido à bárbara tortura do sono. Esteve 15 dias e noites seguidos sem o deixarem dormir. «**O Camponês**» dá um relato das torturas aplicadas a D. Miranda no sentido de mostrar os efeitos da tortura do sono e como ele soube enfrentar, com coragem, essa tortura e o inimigo. Dá também um relato da sua defesa no tribunal.

A partir do 8º dia, D. Miranda, começou a «ver» imagens na parede, a sentir que lhe atiravam com coisas para cima. Começou a «ver» centopeias, pequenas cobras e outros bichos no chão, e alguns dos quais «enrolados» nos pulsos dos agentes. Pela janela da sala de tortura via o telhado dum prédio que ficava num nível mais baixo. Passou a «ver» nesse telhado pessoas em cima umas das outras, como

cadáveres empilhados. No 12º dia levaram-no para outra sala para ser submetido a uma tortura «especial». Começou a «ouvir» um barulho infernal. Recusou-se sentar na cadeira. Andou de um lado para o outro na sala. Os agentes riam-se de ele não se querer sentar. Para tirar dúvidas à PIDE de que ele não tinha medo, sentou-se na cadeira. Começou a sentir um grande peso na cabeça e picadas no corpo, sobretudo nas pernas e nos testículos. Sentiu-se sufocado e deu uns urros e atirou com a cadeira ao chão. Pouco tempo depois entrou um grupo de agentes que formaram um círculo à sua volta. Um deles atirou-se para cima de Dinis, mas ele repeliu-o. Os pides procuravam aterrorizá-lo.

Nos últimos 3 dias de tortura recusou-se a comer. Começou a «ouvir» gritos e gemidos de familiares, a sua mulher a ser arrastada, a ser torturada e a resistir de ser violentada pela polícia. Os agentes entravam na sala e em voz baixa, mas de modo que Dinis ouvisse, diziam: «A gata é boa! A princípio resistiu mas depois...». «Ouviiu» o seu irmão a ser torturado até à morte. Agentes da PIDE diziam em voz alta: «O irmão de D. Miranda morreu nesta polícia!». Um deles perguntou ao Tinoco: «E agora, Sr. inspector, que fazemos ao Dinis?». O Tinoco respondeu: «O mesmo que ao irmão!».

Imediatamente entraram dois agentes, arregaçados e com cassetetes na mão. Dinis levantou-se da cadeira e disse-lhes: «Pronto, podem começar, seus badidos! Não tenho medo de vocês, seus assassinos!». O Tinoco entrou a perguntar de que se tratava. Dinis respondeu-lhe: «Ainda você pergunta de que se trata, seu assassino!?».

No 15º dia de tortura do sono começou a deitar sangue da boca. Ações pancadas na mesa e no chão já não eram suficientes para não o deixar dormir. Se estava sentado caía no chão, se andava batia com a cabeça na parede. Só depois de 15 dias e noites de tortura e vendo que, de D. Miranda só lhe podiam tirar a vida, os torturadores desistiram e o deixaram dormir.

O comportamento corajoso de D. Miranda frente ao inimigo, o amor ao seu Partido, a dedicação à Causa do povo, a confiança na luta e na vitória, o seu espírito de sacrifício e de honradez é um exemplo digno a seguir para todos os lutadores da Causa da Justiça e da Liberdade. Quando não se teme o inimigo, quando se está seguro da justiça da nossa Causa, quando se está efectivamente disposto a deixar a «pele» e a vida se necessário não há tortura do sono, não há alucinações (delirar), não há espancamentos e ameaças de morte, não há nada, absolutamente nada que obrigue a fazer declarações.

EXTRACTOS DA DEFESA DE DINIS MIRANDA NO TRIBUNAL FASCISTA QUE O CONDENOU EM JANEIRO DE 1968

Depois de indentificado, o juiz perguntou ao réu se tinha alguma coisa a declarar. D. Miranda respondeu: «Quero começar por referir neste tribunal que, com esta prisão, é a 5ª vez que sou preso e a 3ª que sou julgado pelos chamados delitos políticos (...). Posso afirmar neste tribunal que conheço, não por ouvir dizer, mas porque fui vítima delas, as brutalidades da PIDE. Constatei em todas as vezes que

passéi (...) pela PIDE um maior refinamento dos seus métodos de tortura.

Conheço desde os espancamentos à «estátua» (...), do rigoroso isolamento durante meses à tortura do sono durante 15 dias e noites sem dormir. Em Janeiro de 1949 fui agredido à coronhada, a murro e a pontapé pelo comandante do Sub-Posto da GNR (Montoito) 2º cabo Tomé dos Santos Canhão. Em Qu-

tubro de 1952 fui submetido à tortura da «estátua» durante 4 dias e noites e esbofetado pelo sub-inspector da PIDE Casaca Velez. Em Maio de 1956 fui bárbaramente espancado durante 3 dias e noites, primeiro pelo Porto Duarte e depois, para citar só o que se destacou mais nesses espancamentos, pelo agente Cristover, até perder os sentidos. Depois de voltar a mim era de novo espancado. Torceram-

-me os testículos, quebraram-me a estrutura óssea do nariz (...). No meio de uma roda de agentes, agarravam-me pelos cabelos, pelas orelhas, pelos braços e pernas e levantavam-me até à altura da cabeça deles para depois me deixarem cair deliberadamente no soalho (...). Em Janeiro de 1959 (...) estive 6 meses em rigoroso isolamento.

Destá vez, logo no momento da prisão, fui atirado de cabeça para baixo por uma ribanceira pelo Capela—chefe de brigada da PIDE. (...) Em seguida fui agredido à coronhada de pistola por um agente, produzindo-me um profundo ferimento na cabeça (...). Se os espancamentos, a «estátua» e o isolamento são selváticos processos de tortura (...), a tortura do sono não é menos selvática. Direi mesmo que é um processo de tortura mais refinado (...). Quando o preso, vencido pelo sono, deixa fechar os olhos imediatamente é despertado por uma cassetada (...) e com murros na mesa ou pegadas no soalho que produzem o efeito de uma bomba (...). O coração fica a doer e parece querer saltar do peito. A PIDE recorre ainda a bisnagas com água para encharcar a cara da sua vítima quando pretende dormir. E quando todos estes cruéis processos já não dão os resultados esperados (...), a PIDE agarra nos braços do preso e atira-o de encontro à parede (...), percorre à roda uma quantidade de vezes a sala de tortura com o preso (...). Só ao fim de 15 dias e noites de tortura do sono, de me ter recusado alimentar nos últimos 3 dias e de ter começado a deitar sangue pela boca me puseram num divã na sala de tortura para dormir (...).

Durante a tortura do sono (...) os torturadores recorrem aos mais bandidescos processos. Imitam gritos e gemidos de familiares do preso a serem torturados e das nossas esposas a serem violentadas pela PIDE. Mas não são só às imitações que eles recorrem para destruir a moral do preso. O facto de terem arrancado peça por peça do vestuário (...) da Maria da Conceição, de Matos, de terem espancado na cabeça a operária agrícola Mariana Janeiro, de Baleizão, a ponto de lhe provocarem um traumatismo cerebral não são imitações de tortura, mas realidades vivas e gritantes (...). Não há qualquer exagero ao afir-

mar que dado as minhas posições de me recusar a trair o meu Partido e o meu povo, a PIDE nutre por mim um ódio especial. tem-no demonstrado ao torturar-me brutalmente sempre que lhe tenho caído nas mãos (...).

Depois de uma interrupção do juiz, D. Miranda continuou. «Não sou cobarde e coloco acima de tudo a minha dignidade e fidelidade ao meu Partido. Jamais, sejam quais forem as torturas a que fôr submetido, seja qual fôr a pena a que este tribunal me condene trairei o meu Partido—o Partido Comunista Português—, vanguarda da classe operária. O meu Partido é o lutador mais intransigente contra a ditadura terrorista salazarista e por um governo democrático e nacional, pela eliminação do domínio imperialista no nosso País e do poder dos monopólios, pela independência nacional, pela elevação do nível de vida das classes trabalhadoras, por uma Reforma Agrária que distribua a terra a quem a trabalha, pelo direito dos povos coloniais à independência, pela democratização do ensino e pelo estabelecimento de relações comerciais e culturais com os países socialistas (...).

A ditadura terrorista salazarista é poder dos monopólios (...). Portugal é um País colonizador e ao mesmo tempo colonizado. É um País dependente económica e politicamente do imperialismo estrangeiro. Por toda a parte, do Norte ao Sul, enxameiam empresas com nomes portugueses por fora, mas estrangeiras por dentro (...). Podemos afirmar que o governo fascista de Salazar está vendendo Portugal aos pedaços».

O juiz interrompe para perguntar se Dinis sabia o que era o fascismo e onde existe. D. Miranda respondeu: «Há em Portugal, na Espanha e na Grécia, O fascismo é um regime como o nosso onde os cidadãos estão impedidos de se manifestarem publicamente, onde não existe liberdade de imprensa, onde existe uma feroz repressão».

(...) O juiz diz: «Mas o Sr. não está a ser impedido de falar!». Dinis respondeu: «Pois não, mas estou preso!».

O juiz interrompe para dizer que o investimento de capitais estrangeiros era um bem para o desen-

volvimento do País, e se houvessem bases russas no País ele, Dinis, estaria de acordo.

D. Miranda respondeu: «É um bem mas é para o imperialismo estrangeiro (...). É um bem para a ditadura terrorista salazarista que faz todas essas concessões ao imperialismo com o objectivo deste ajudar a subjugar todas as manifestações democráticas e populares do povo português (...). Não se pode pôr a questão se fossem os soviéticos que aqui tivessem bases militares (...) porque a grande União Soviética é o baluarte da Paz e não necessita disso, Quem necessita disso são os imperialistas, fomentadores de guerra e opressores dos povos que querem ser livres (...).

O meu Partido luta por uma Reforma Agrária (...). Ao contrário do que afirmam os fascistas (...) Portugal não é um País pobre. Podemos mesmo afirmar que tem um sub-solo riquíssimo (...). Tem riquezas que ainda não chegaram a ser prospectadas. E que dizer de hectares e hectares de terra inculta mas cultiváveis, enquanto milhares de operários agrícolas e pequenos camponeses não têm um palmo de terra sua para cultivarem (...)?»

D. Miranda fez do tribunal fascista uma tribuna de desmascaramento das atrocidades da PIDE e de denúncia do odioso regime de Salazar. Foi condenado a 5 anos e 8 meses de cadeia e «Medidas de Segurança». Lutemos pela libertação de D. Miranda!

Sem comentários...

Vila de Ourique (Alentejo), sede de concelho. Tem 6 freguesias e tem apenas dois médicos. Um está na freguesia de Santana da Serra, o outro na vila de Ourique com os seguintes cargos: médico municipal; sub-delegado de saúde; médico do hospital de Ourique; médico das Caixas de Previdência, das Casas do Povo das freguesias de Garvão, S. Luzia, Panóias, Conceição, de Ourique, dos Caminhos de Ferro; dá consultas na Funcheira; é director do Colégio de Ourique. E ainda é presidente da Câmara Municipal de Ourique!

A nova Lei do Serviço Militar carne de canhão para AS GUERRAS COLONIAIS

JOVENS! A nova lei do serviço militar é uma lei de guerra contra vós, contra o povo português e contra os povos das colónias. Essa lei significa a mobilização geral da nossa juventude como carne de canhão para a fogueira das criminosas guerras coloniais. Essa lei significa mais luto e maior sofrimento para todo o nosso povo.

As guerras coloniais, impostas pelo fascismo, são fontes de lucros para os monopólios e para o imperialismo estrangeiro, e cemitérios para dezenas de milhares de jovens. Organizemos a luta contra a nova lei do serviço militar. Enviemos cartas ao governo e façamos inscrições por todo o lado a exigir a anulação da nova lei do serviço militar, a exigir a redução do tempo de tropa. Façamos inscrições: **INDEPENDÊNCIA PARA AS COLÓNIAS! REGRESSO DOS SOLDADOS! NEM MAIS UM SOLDADO PARA AS COLÓNIAS! ABAIXO A GUERRA COLONIAL!**

Lembremos os nossos mártires

Germano Vidigal—Montemor-o-Novo—assassinado há 23 anos (28/5/45) pela PIDE no Posto da GNR desta vila.

José A. Patuleia—S. Romão—V. Viçosa—assassinado há 21 anos (21/1/47) na sede da PIDE em Lisboa.

Alfredo Lima—Alpiarça—assassinado há 18 anos (4/6/50) pelo GNR António de Sousa, desta vila.

Catarina Eufémia—Baleizão—assassinada há 14 anos (19/5/54) pelo tenente Carrajola, da GNR de Beja.

José A. dos Santos—Montemor-o-Novo—assassinado há 10 anos (23/6/53) pelo sargento Francisco Range, da GNR desta vila.

António Adângio—Aljustrel—assassinado há 6 anos (28/4/62) pelo sargento Cavaco, da GNR desta vila.

Francisco Madeira—Aljustrel—

Lutemos por jornas mais altas

Nas ceifas, no arroz, no tomate, na cortiça, nas debulhas, nos hortijos e noutros serviços organizemos a luta por melhores jornas e condições de trabalho. As comissões de Unidade, as reuniões de trabalhadores, as discussões colectivas nas P. de Jorna, nos locais de trabalho, etc., são formas de organização para os trabalhadores se unirem e alcançarem as suas justas reivindicações.

Da região de Vendas Novas saíram vários ranchos para a cultura do tomate a 85\$00 o casal (50\$00 H. e 35\$00 M.) com as 8 horas; e para a plantação do arroz saiu muito pessoal contratado de empreitada a

1.100\$00 o casal por hectare. Na região de Palmela, Q. do Anjo, Azeitão, Sesimbra, no mês de Maio, as jornas corriam entre 60-70\$00 homens e 35-45\$00 mulheres e 8 horas; na zona de Portimão corriam entre 50-60\$00 homens e 30-35\$00 mulheres e 8 horas; e na região de Grândola, em Abril, corriam entre 40-45\$00 e 20\$00 respectivamente com o horário das 8 horas. Em Alpiarça e outras terras em volta, no mês de Maio, os trabalhadores agrícolas conquistaram 10\$00 à hora.

AVANTE, POIS, POR JORNAS MAIS ALTAS!

A Cooperativa dos Produtores de Leite de Évora contra os pequenos camponeses

Há muito que os grandes capitalistas daquela Cooperativa vinham fazendo enorme pressão para que os pequenos camponeses de V. Novas entregassem o seu leite à Cooperativa e ficassem associados à mesma. Nos fins de Fevereiro, os senhores da Câmara Municipal de V. Novas colocaram editais por todos os cantos, aprovando a venda do leite pela Cooperativa à terra e avisando os camponeses de que, a partir de 1 de Março, ficavam sujeitos a pesadas multas se vendes-

sem leite ao público ou o dessem a alguém.

Cerca de 20 camponeses foram falar com o presidente da Câmara para saber as condições de entrada para aquela Cooperativa. Foi-lhes dito que o leite seria pago de 15 em 15 dias, o preço seria de acordo com as «análises», seria-lhes descontado \$20 em litro durante 6 meses, que teriam de pagar 1.000\$00 por cada vaca, etc., etc. Os camponeses procuram vender as vacas rapidamente. A vila é invadida por mais de 20 fiscais que procuram impedir os camponeses de venderem as vacas. Os fiscais ameaçam-nos de que, se não entrassem para a Cooperativa ou vendessem as vacas seriam dados como polílicos. A custa da força conseguiram levar os camponeses a entregarem o leite no depósito da Cooperativa. A população comprava o leite aos camponeses a 3\$60 e agora compra-o à Cooperativa a 4\$40!

CAMPONESES DE VENDAS NOVAS! Encontrais as formas apropriadas de organização e luta contra as violências e abusos dos senhores daquela Cooperativa. Fazei abaixo-assinados, concentrações na Câmara, com o apoio e solidariedade da população e luta pela defesa dos vossos interesses e direitos. Que a venda do vosso leite seja livre!

**AMERICANOS:
Fora do Vietnam!
Abaixo o
imperialismo
americano!**

assassinado há 6 anos (23/4/62) pelo sargento Cavaco, da GNR desta vila.

Luis A. Firmino—Vendas Novas—morreu a (22/1/68) no hospital prisão de «S. João de Deus» em Caxias em consequência de torturas físicas e morais infligidas pela PIDE. O torturador Gomes da Silva, director do Forte de Caxias, é um dos responsáveis directos desta morte.

Os responsáveis por estes e outros vis assassinatos, os inimigos da Liberdade e do nosso povo terão um dia de prestar contas à Justiça. A melhor homenagem que podemos prestar aos nossos companheiros e camaradas caídos na luta é reforçar cada vez mais a nossa acção pelo derrubamento da ditadura salazarista e pela instauração de um governo verdadeiramente democrático no nosso País.